

UM OLHAR OUTRO

Retomando o *Falso Testimonio* do historiador Rodney Stark, vou olhar para o capítulo 3 intitulado *Perseguindo os pagãos tolerantes*. Começa assim: «Quando em 312 Constantino foi reconhecido como imperador de Roma, havia cerca de nove milhões de cristãos, que representavam aproximadamente 15% da população do império. Quando ele morreu, no ano 337, os cristãos eram já mais de um terço da população e, pouco depois, já se tinham convertido na maioria do império. Como foi possível este extraordinário crescimento?».

Foi já no Iluminismo que se deixou a explicação do «milagre» para a substituir por uma mais mundana. E foi a a explicação de Edward Gibbon (1737-1794), historiador inglês, a que se impôs nos estudiosos anticatólicos: o êxito da implantação do cristianismo no império deveu-se ao «zelo intolerante», instigado por Constantino, que fez vista grossa à brutal perseguição do paganismo por parte da Igreja. Explicação fácil, rápida e agradável aos sectores anti-Igreja. Mas terá fundamento histórico esta explicação? O nosso autor diz que não. E, como sempre, fundamenta a afirmação em dados históricos comprovados. E até nós podemos reconhecer que, de vez em quando, surgem certas vozes com ares de intelectuais a dizer que «Constantino foi a desgraça da Igreja» ao fazer do cristianismo a «religião do império», pondo fim às perseguições sangrentas dos imperadores romanos contra os cristãos. Como não faltam sinais, na cultura contemporânea, de uma simpatia para com os deuses pagãos relacionados com a ideia de tolerância, em confronto com o Deus dos cristãos, intolerante e imposto à força. Nada mais abusivo.

«De Gibbon e Burckhardt até ao dia de hoje, deu-se por adquirido que o fim do paganismo se tornou inevitável diante da decisiva intolerância do cristianismo; que as intervenções dos imperadores cristãos foram decisivas para conseguir a sua supressão». O nosso autor fala das perseguições aos cristãos, que se continuaram, conforme os imperadores, bem como da convivência pacífica entre cristãos e pagãos, apesar de situações de conflito ora provocadas pelos pagãos, ora pelos cristãos. «O paganismo foi-se diluindo muito lentamente, como o comprova o facto de que «na cristianíssima Edessa, comunidades organizadas de pagãos continuavam a oferecer sacrifícios a Zeus-Hadad ainda no último quartel do século VI» e ainda «quando as primeiras forças muçulmanas ameaçaram Carrae (Harrán) no ano 639, os pagãos eram ainda mais numerosos que os cristãos da cidade, a ponto de serem todos pagãos os que constituíram a delegação enviada a negociar com os arábes». Mais que supressão do paganismo, poderemos falar em assimilação do paganismo, que ainda hoje subsiste em muitas festas ditas religiosas ou cristãs.

E o nosso autor explica porque é que tantas pessoas se converteram rapidamente ao cristianismo: «Dois factores gerais contribuíram para tal, um, social, e outro, doutrinal. Socialmente, o cristianismo gerou uma intensa vida comunitária: as pessoas pertenciam a uma determinada comunidade cristã, enquanto que no paganismo apenas frequentavam templos pagãos. Os níveis elevados de compromisso e de relações sociais não só se revelavam directamente gratificantes como também davam mais força aos grupos cristãos para prestar 'serviços sociais' básicos. No campo doutrinal, em contraponto com os deuses limitados, pouco fiáveis e mesmo imorais do paganismo, o cristianismo apresentava a imagem de um Deus moral, preocupado com os seres humanos, digno de confiança e onipotente. Mais ainda, o cristianismo oferecia também um método claro para obter o perdão dos pecados e apresentava a perspectiva de uma vida eterna atraente». E o autor acrescenta: «para muitos indivíduos privilegiados e ambiciosos, o abandono do paganismo obedeceu a razões de oportunismo: muitas pessoas adoptaram o cristianismo ou dissimularam o seu paganismo para obter vantagens sociais e políticas».

«Constantino não foi o responsável do triunfo do cristianismo. Quando este subiu ao trono, o movimento cristão já se tinha convertido num maremoto que crescia a ritmo acelerado. E é verdade que o cristianismo teve papel destacado no triunfo de Constantino, oferecendo-lhe um apoio urbano significativo e bem organizado». E acrescenta: «Constantino nem ilegalizou o paganismo nem tolerou a perseguição aos não cristãos. De facto, mesmo que tenha concedido benefícios e reconhecido carácter oficial à Igreja cristã, continuou financiando de certa maneira os templos pagãos».

O Prior - P. Abílio Cardoso

A FÉ É UM TESOURO QUE NÃO SE ESGOTA

(...) Numa entrevista disse que "a fé é um tesouro que não se esgota". Pode explicar essa afirmação?

A fé é um tesouro que não se esgota. É termos conosco uma certeza.

Uma certeza que nos guia, que nos consola e que nos dá sempre força para enfrentar as contrariedades da vida, para saber viver ainda melhor as alegrias e aproveitá-las. Há uma certeza que permanece sempre e quando ela é posta ao serviço dos outros e é partilhada com os outros, então só pode crescer. O bem promove e alimenta o bem. Quanto mais bem se procura fazer e dar aos outros, mais se recebe. Esse tesouro é também inesgotável devido ao bem que os outros sentem por nossa causa.

O facto de ser católica influencia a sua música?

A minha fé é algo transversal ao que eu faço, às minhas escolhas. Veio antes e estará depois. Antes de eu ser fadista, cantora, intérprete, antes de eu ser esta pessoa, já tinha a minha fé. Depois a personalidade vai-se criando, vamos optando, vamos fazendo escolhas e afunilando o nosso caminho. No meu caso está sempre presente naquilo em que eu acredito.

Provavelmente estará presente na escolha dos meus poemas e naquilo que quero dizer às pessoas na música que faço.

Fadista Carminho, In DM 09.04.2015

"Nas grandes batalhas da vida,
a primeira vitória é o desejo de vencer"

Mohatma Gandhi

NÃO SE COMPREENDE «CRISMADOS E ARRUMADOS»

O «a» Crisma é o sacramento da maturidade na fé e vida do bom cristão, que nos integra na paróquia onde vivemos. Por esta razão, todos os que foram crismados, deveriam mostrar na família e na comunidade a alegria de se integrarem nos grupos que existem na paróquia e jamais deixarem de participar assiduamente nos sacramentos da Eucaristia e confissão, comungando assiduamente, e avisando-se uns aos outros, afirmando seu valor e entusiasmo. Quem assim não faz, renega o batismo e todo o esforço feito para ser crismado, tornando-se infiel e irresponsável no meio do povo de Deus. Cristão é aquele que segue Jesus e O anuncia com a vida e seu exemplo.

Jesus diz: «ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho...»

Para que isto aconteça, a família e os cristãos mais ativos, deverão animar e convidar os que se prepararam para a o crisma, a verem o crisma, como uma meta a atingir na sua caminhada catequética, para virem a ser verdadeiros discípulos e anunciadores de Jesus, nosso Salvador.

Pe. José Araújo



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 24 - 14 de Junho de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Igreja - um povo de eleitos servido por eleitos

Humano como sou, também eu experimento as tentações de «ser como os outros». A idade e a experiência de vida tornaram-me mais cuidadoso - direi que é a sabedoria da vida que se adquire com o tempo - sobretudo quando, diante dos textos bíblicos, não me posso reduzir ao «auto-consumo», isto é, pensá-los apenas para a minha própria vida. É que a missão que me foi doada é a de os servir aos outros.



Neste processo, impõe-se a atitude de humildade: também a mim é difícil pô-los em prática. Logo, a proposta tem de ser humilde e compreensiva. O evangelho de S. Mateus (Mt 9, 36-10, 8) dá-nos um perfil de Jesus: o de um pastor compassivo diante das «ovelhas sem pastor», que chama «trabalhadores para a seara», a quem dá poder de curar. Esses trabalhadores têm nome e uma história

de vida concreta, que os nivelaria a muitos outros concidadãos e a quem bastaria «ser como os outros». É a missão que Jesus lhes entrega que os retira do «ser como os outros». Uma missão elevada, humanamente auspiciosa de honrarias e pedestais, tentadora de «apropriação». Mas Jesus deixa claro que não pode ser desempenhada desse modo porque lhes diz: «não sigais o caminho dos gentios... proclamaí que está perto o reino dos Céus (não o vosso reino!)... recebestes de graça, dai de graça».

Eu, como padre, e cada um dos cristãos, como baptizados, logo todos como enviados em missão, somos convidados a voltar à pureza original deste mandato de Jesus, a partir da consciência clara de que fomos «adquiridos» por Deus, amados por Jesus quando éramos pecadores (Rom. 5, 6-11), Ele que morre por todos para nos reconciliar com o Pai.

É na condição de «povo de Deus», como «reino de sacerdotes e nação santa» (Ex. 19, 2-6a), que hoje ouvimos a Igreja a propor-nos o caminho da santidade. Assim, seja qual for a nossa condição, esta não pode sobrepor-se à condição primeira, a de pertencermos a um «povo de eleitos» de Deus, que é servido, ao longo da história, por «eleitos de Deus». Facilmente a tentação de posse, como se a Igreja não fosse de Deus ou de Jesus que a instituiu e o Espírito Santo conduz, nos faz esquecer a origem (Alguém nos elegeu) e a missão que agora nos ocupa (foi-nos confiada por Alguém). Esta, para todos os baptizados, é a do anúncio do Reino de Deus, que liberta, cura e dá sentido, gerando em todos a «vida em abundância» que corresponde à vontade Deus como Jesus nos anunciou.

Surge, assim, inevitavelmente uma questão a todos, certamente de modo diferente conforme a situação de cada um: qual a minha missão neste «construir o reino de Deus hoje»? Estou eu empenhado em cumpri-la na fidelidade Àquele que me confiou e no modo como Ele me mandou desempenhá-la, reconhecendo a gratuidade do dom?

Reconhecemos que o mundanismo nos invade, isto é uma vida privada e uma vida social organizada «como se Deus não existisse». Mais do que constatar-mos e nos lamentarmos, deveremos, antes, cuidar do nosso testemunho de vida: na alegria pessoal e no compromisso de missão, mostramos ao mundo que nos rodeia a excelência de uma vida em que Deus conta.

O Prior - P. Abílio Cardoso

"MUITOS CUIDAM DA REPUTAÇÃO, MAS NÃO DA CONSCIÊNCIA"

Padre Antonio Vieira

O MEU CORPO

É provável que o 12 de Junho apele mais ao Santo António que ao Corpo de Deus, ou Festa da Eucaristia. (Acabo de ouvir um foguete que certamente não é dedicado ao Corpo de Cristo). E surge a pergunta: porque que se dá mais valor a um Santo do que Àquele que se ofereceu e quotidianamente se dá por nós e instituiu o mistério mais exaltante e digno de veneração que é a Eucaristia? É o sinal mais visível e permanente que a Igreja conhece e sempre venerou e venera. Desde a Última Ceia. E nada lhe é mais precioso e venerável na celebração quotidiana num Lausperene onde todo o joelho se dobra e que na visão discreta dum sinal esconde o mistério maior de Deus na dádiva total por todos nós. À medida que tentamos exprimir o quão sublime é esta realidade, mais impotentes e insignificantes nos sentimos perante esta dádiva de Deus ao homem. É todo este envolvimento que sentimos entranhado na celebração do Mistério (sempre esta palavra para os grandes momentos) a que chamamos Corpo de Deus e onde tocamos a Sua presença real no meio de nós. É o caso, diríamos, que quanto maior é o mistério mais simples se apresenta, confundindo-se com o nosso próprio corpo. Por isso poderíamos dizer que o Corpus Christi é o grande sinal da Identidade sublimada do homem na fusão com o Corpo de Cristo. Ele está para além do Pão que foi partido na Última Ceia. É o sinal vivo da dádiva completa por todos nós. "É o meu Corpo. Tomai e comei". Daí para cá os cristãos sempre tiveram a Eucaristia como o grande encontro com Deus. Foi sinal de comunhão, comunidade. E um dia ficou marcado para esse grande encontro: o domingo, Dia do Senhor. Esse dinamismo irradia toda a vida cristã. Podemos perguntar: se Ele nos remiu duma só vez por que repetimos quotidianamente a Eucaristia? Porque o seu mistério não tem limites. E se os anjos O proclamam indefinidamente Santo, sempre serão poucas e ténues as nossas vozes para atravessar o Infinito e dizê-IO. Deus, apenas é. E nunca saberemos dizê-IO numa só vez.

António Rego, In CM 12.06.2020

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XI DOMINGO DO TEMPO COMUM

**Nós somos o povo de Deus,
as ovelhas do seu rebanho**

SEGUNDA, 15 – Leituras: 1 Reis 21, 1-16
Mt 5, 38-42

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Gonçalves Coutinho
15.30 (Terço): Domingos Sousa da Silva e filho
19.00 (Matriz): Maria da Glória Lima Bandeira Santos

TERÇA, 16 – Leituras: 1 Reis 21, 17-29
Mt 5, 43-48

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Rosa Baptista da Costa
19.00 (Matriz): M.^a Eugénia Fernandes Ribeiro (aniv. nasc.)

QUARTA, 17 – Leituras: 2 Reis 2, 1. 6-14
Mt 6, 1-6. 16-18

09.00 (Senhor da Cruz): Joaquim Pinto Coelho (aniv.)
15.30 (Terço – Intenções colectivas):
– Maria Teresa Ribeiro Campos e Domingos Ferreira Cardoso
– Maria de Lurdes Oliveira Barbosa e família
Matriz (19.00): Teresa de Lurdes Antunes Pereira

QUINTA, 18 – Leituras: Sir 48, 1-15 (gr. 1-14)
Mt 6, 7-15

08.00 (São José): Aurora, Maria de Jesus e Alberto Martins
09.00 (Senhor da Cruz): José Gonçalves Duarte e familiares
15.30 (Terço): Manuel Rodrigues Ferraz e esposa
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
– João Alves Faria
– Jorge Martins da Silva Correia
– Avó de Rosa Lopes

SEXTA, 19 – SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
Leituras: Deut 7, 6-11
1 Jo 4, 7-16
Mt 11, 25-30

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):
– Dulcínio Linhares de Sousa e esposa Maria do Céu Fernandes
15.30 (Terço): Maria de Lurdes Oliveira Barbosa e família
19.00 (Matriz): Pais e familiares de Maria Manuela Relho

**SÁBADO, 20 – IMACULADO CORAÇÃO DA
VIRGEM SANTÀ MARIA**

Leituras: Is 61, 9-1
Lc 2, 41-51

09.00 (Senhor da Cruz): José Narciso Costa Alves
17.30 (São José): M.^a Conceição Monteiro Soares, filhos e marido
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
– José Pimenta do Vale
– Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho
– Maria Cristina Ribeiro dos Santos (aniv.)
– Manuel Pereira de Sousa Monteiro, esposa M.^a Amélia e família
– Maria Rosalina Lopes Coelho e filhos João Manuel e Domingos
– João Beirão e irmãos
– José Ferreira, esposa Isaura e filho José Luís
– Dr. Armando Vale Miranda (7º aniv.)

DOMINGO, 21 – XII DO TEMPO COMUM

Leituras: Jer 20, 10-13
Rom 5, 12-15
Mt 10, 26-33

09.00 (Senhor da Cruz): José Narciso Costa Alves
11.00 (Matriz): Pelo povo
12.15 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade
15.30 (Terço): Maria de Nazaré Pereira
19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
da Confraria das Almas

ENTRE O TEMPLO E O QUARTO

1. Seguindo as indicações do «semáforo epidemiológico» (María Ramírez), também nós, católicos, começámos a «desconfinar», celebrando comunitariamente a Eucaristia. Foi possível aquilatar em alguns esgares – a par da alegria do reencontro – algum espanto pela reconfiguração das igrejas. É o caso das máscaras, do distanciamento de dois metros, das indicações da entrada e da saída e dos apelos a não tocar nas superfícies. Não está a ser fácil para ninguém, mas a situação acabará por se entranhar. Esperamos que tudo decorra de forma serena e solidária, como é próprio de irmãos na fé. Para já, estamos a fazer uma espécie de conjugação entre o Templo e o Quarto. Começámos a voltar ao Templo (oração comunitária), mas sem deixar completamente o Quarto (oração pessoal). No Templo, é onde se reúne a comunidade, embora nesta fase apenas parcialmente. Na comunidade crente que reza, o próprio Jesus está presente. E nem é preciso que sejam muitos. O Senhor assegurou que «onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18,20). Acontece que o mesmo Jesus articulou a oração comunitária com a oração pessoal. Em parceria com o Templo, sobressai pois o Quarto como «locus orationis»: «Quando orares, entra no teu quarto [...] e ora a teu Pai em

segredo; e teu Pai, que te vê em segredo, dar-te-á a recompensa» (Mt 6, 7). Não se trata de uma oração ensimesmada, em oposição à oração comunitária. Pelo contrário, trata-se de uma oração fomentadora da abertura que há-de projectar-se na oração comunitária e na vida em missão. Talvez tenhamos falhado nesta oração silenciosa, tecida de escuta e emoldurada de disponibilidade pessoal. Creio que, neste tempo, temos de continuar a otimizar a oração «em espírito e verdade» (Jo 4, 24). Por conseguinte, não são duas tipologias de oração que se excluem, mas duas vias que se podem articular na perfeição. Este é o «kairós» providencial para não desperdiçarmos o recato, a escuta silenciosa e disponível. O momento «Maria» – que não litiga com o servicial momento «Marta» – foi, em boa hora, exaltado por Jesus (cf. Lc 10, 42). Em devido tempo, o momento «Maria» há-de derramar-se inteiramente no Templo. E o momento «Marta» nunca dispensará o fecundo recolhimento no Quarto. A teor das orientações da Conferência Episcopal e das posteriores recomendações da Direcção-Geral de Saúde (v.g. «abreviar as celebrações»), entrar no Quarto despontará como primoroso complemento do Templo. Os sinais deste tempo humano mantêm-se sedentos do eterno divino!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 09.06.2020

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– Família n.º 35 – 5,00
– Família n.º 82 – 10,00
– Família n.º 183 – 10,00
– Família n.º 207 – 10,00
– Família n.º 870 – 10,00
– Família n.º 1188 – 30,00
– Família n.º 264 – 50,00
– Família n.º 7 – 80,00

TOTAL DA SEMANA – 205,00 euros

A transportar: 22.038,95 euros
Despesas até agora: 31.233,59 euros

A CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP) anunciou que a sua próxima Assembleia Plenária, inicialmente marcada para abril, vai decorrer em Fátima, de 15 a 17 de junho, destacando-se a eleição dos seus órgãos para o triénio 2020-2023.

Os trabalhos vão decorrer na Casa de Nossa Senhora das Dores do Santuário, iniciando-se com o discurso de abertura do presidente cessante da CEP, D. Manuel Clemente, às 16h00.

A agenda inclui ainda uma "reflexão sobre a sociedade portuguesa a reconstruir depois da pandemia de Covid-19".

DIA DE ORAÇÃO PELO CLERO

– A Congregação para o Clero (Santa Sé) lançou uma reflexão para o próximo Dia de Oração pela Santificação dos sacerdotes (19 de junho), alertando para um "défice de intimidade" na vida dos padres católicos. "O que representa um alto potencial de risco na vida do padre é aquilo a que se chamou 'défice de intimidade'. Todo o estado de vida, para ser integralmente abraçado e protegido de incursões ameaçadoras, deve cultivar uma especial 'relação íntima' que lhe valorize as possibilidades e lhe diminua os riscos: para um sacerdote, trata-se da amizade pessoal e quotidiana com o Senhor", refere o texto, divulgado em Portugal

Intenção de oração do Papa - Compaixão pelo mundo

Rezemos para que aqueles que sofrem encontrem caminhos de vida, deixando-se tocar pelo Coração de Jesus.

pela Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios.

CONFRARIAS E IRMANDADES – Agora que já retomámos as celebrações comunitárias, e dispondo a Paróquia de locais para que pequenos grupos possam reunir-se mantendo o distanciamento necessário, lembra-se que as Mesas das Irmandades e Confrarias devem apresentar o

relatório de contas de 2019. Terminando para a maior parte das confrarias no fim do ano presente o mandato de quatro anos para que foram eleitos, devem providenciar a eleição de novos corpos sociais na altura devida.

PASTORAL FAMILIAR – Vai reunir amanhã, às 21.30 nas salas da catequese a Equipa de Pastoral Familiar, a fim de avaliar o ano de actividades e pensar no plano para o próximo ano.

MINISTROS EXTRAORDINÁRIOS DA COMUNIDADE – Vão reunir na quarta-feira, 17 às 21.00 para avaliar o ano e preparar o próximo ano de actividades.

SECRETARIADO PERMANENTE DO CONSELHO PASTORAL – Vai reunir na próxima sexta-feira, 19, o Secretariado Permanente do Conselho Pastoral para preparar o plenário do Conselho Pastoral, que vai ter lugar no sábado, 27, às 20.00 nas salas de catequese. Serve esta informação para que os conselheiros reservem já a data e preparem a sua intervenção acerca das lições do COVID 19, a serem tidas em conta na pastoral da nossa Paróquia, já a partir do próximo ano.

NUNCA HAVERÁ UM TEMPO SEM DEUS OU RELIGIÃO

Académico que faz best sellers sobre religião, nómada espiritual, crítico de Trump, Reza Aslan é uma das vozes mais ouvidas nos EUA quando se fala de fé e religião. Em *Deus – Uma Biografia* defende que há milénios que os homens projectam Deus à sua imagem e semelhança – e vão continuar a fazê-lo. "Há mais de cem anos que andámos a dizer que Deus está morto. Talvez devêssemos deixar de dizer isso." (...) Reza Aslan, nascido no Irão e fixado nos Estados Unidos, onde se tornou escritor e académico na área das Religiões Comparadas, fez da religião o seu grande assunto de investigação. Nos últimos anos, tornou-se um crítico feroz de Donald Trump e dos evangélicos brancos que o apoiam, apesar de a sua vida ser "o exacto contrário do que Jesus pregou", como diz nesta entrevista telefónica ao P2.

Em Deus – Uma Biografia, editado no final de 2018 em Portugal pela Quetzal, lança-se a uma tarefa ciclópica: contar a história da relação entre os humanos e o divino e perceber a raiz do "impulso" para humanizar Deus, que identifica como uma função cerebral da qual dificilmente os humanos se conseguem libertar. (...) «A crença em Deus é universal, existe em todas as culturas, em todos os povos, em todos os tempos. Há muitas provas arqueológicas de que a crença numa figura divina precede até a existência do Homo sapiens. Isto significaria que essas crenças são parte do nosso processo evolutivo e, se isso acontece, que deveria haver uma razão para isso – a regra da evolução determina que haja um propósito, alguma vantagem para que essa crença exista.

(...) Se olharmos para o mundo de hoje, constatamos que a religião é uma força em crescendo em grande parte do planeta. As pessoas estão cada vez mais a definir-se através da sua religião, talvez porque outras formas de identidade, sobretudo o nacionalismo, estão a começar a perder força. Deus e religião estão muito vivos, para o bem e para o mal. (...) Acredite-se em Deus ou não, acredite-se em mais do que um deus ou não, isso não é importante: aquilo que me interessa é o que queremos dizer quando dizemos a palavra "Deus". O que é fascinante, e o meu livro é sobre isso, é que, mais vezes do que o contrário, quer acredite em Deus ou não, quando diz a palavra "Deus" está a criar uma versão divina de você, a criar uma figura divina, que se parece, age, pensa e sente tal como você. Já agora, isto é tão verdade para os não crentes como para os crentes. Se Christopher Hitchens estivesse vivo e lhe perguntasse "não acredita em Deus, mas o que é que quer dizer quando diz Deus?", Hitchens, como o resto de nós, acabaria por descrever Deus como uma versão de si mesmo. Somos inconscientemente forçados a pensar desta forma, é involuntário.

(...) Quando descobrimos que a Terra não era o centro do Universo, isso não fez com que o cristianismo desaparecesse – o cristianismo absorveu essa informação e avançou. Se, amanhã, seres alienígenas nos visitarem, isso não fará a religião desaparecer: a religião vai absorver essa informação nova, mudar e continuar. A religião vai estar sempre conosco, vai parecer diferente, haverá novas religiões, algumas religiões morrem, novas religiões nascem, os conceitos de Deus e espiritualidade vão ser afectados pelo conhecimento e progresso científicos. Sempre foi assim e sempre será. Nunca haverá um tempo em que não há Deus ou religião, vamos apenas mudar a nossa definição de ambos porque foi aquilo que sempre fizemos.

In DN, Pedro Rios, 9 de Fevereiro de 2019